

Gestão de conflitos e suas perspectivas na educação médica

Conflict management and its perspectives in medical education

Sigisfredo Luiz Brenelli¹

1. Professor da Faculdade de Medicina São Leopoldo Mandic, São Paulo, Brasil.

Quando falamos da violência nas faculdades de Medicina, a princípio, parece muito contraditório: Num curso preocupado com a formação de um profissional que terá que ser empático, resiliente, generoso e ter compaixão para exercer seu ofício adequadamente não poderia vivenciar nenhuma forma de experiência que demonstrasse relações de poder, de submissão, de assédio ou outra forma de violência tão contrária ao perfil desejado. Infelizmente não é o que temos vivenciado nas últimas décadas.

O famigerado “trote”, tratado como tradição e forma de ritualizar o pertencimento do ingressante na classe discente, que tem causado tanto sofrimento físico quanto emocional chegando a casos de óbito ou sequelas permanentes, ainda se mantém cultuado em várias Escolas. Há legislação contra essas formas, mas que são burladas em festas ou momentos sociais da recepção dos calouros

Na origem das palavras podemos nos remeter a antiga Bolonha, com sua Universidade no ano 1200. Os candidatos viajavam “trotando” pelas estradas medievais, chegavam ao “vestíbulo” da Universidade sujos e com piolhos no couro cabeludo, consequência da longa jornada. Tinham então seus cabelos raspados e suas vestes substituídas pelas togas e, quando laureados, recebiam o grau - o anel – símbolo do conhecimento adquirido e o capelo pois se tornavam um iluminado, ritos hoje mantidos nas cerimônias de colação de grau de formandos. Mas não chegamos trotando as Universidades e nem nos cabe mais, nos tempos modernos,

relações de poder entre docentes e discentes muito menos entre os próprios estudantes de uma turma. Vivemos tempos de globalização, de colaboração e de companheirismo e defendemos, inclusive, o ensino colaborativo.

Sendo o curso de Medicina estressante, onde a pressão acadêmica é intensa, a carga horária extenuante, os altos níveis de estresse e a competição acirrada podem contribuir para um ambiente propício à violência e ao desgaste emocional dos estudantes. Sérios impactos na saúde mental desses jovens pode levar a sintomas de ansiedade, depressão, Burnout e outros sintomas psicológicos. Esses problemas podem afetar o desempenho acadêmico, a qualidade da formação e a saúde geral dos estudantes. Estudos tem demonstrado o alto índice de uso de substâncias psicoativas e até índices maiores de suicídio para essa faixa etária.

Tratar o outro, deparar com sua dor e suas dificuldades nos obriga a olharmos para nós mesmos, muitas vezes deparando com o sofrimento que nos atinge e que pode ser identificado ao observar o do paciente. Não são nas experiências vivenciadas de violência que conseguiremos aprender a lidar com a dor do outro, e, nesse patamar, a lidar com as nossas próprias dores. Aprende-se a ser generoso e a ter compaixão vivenciado relações bem estruturadas e significativas, as quais são as principais responsáveis por sermos felizes.

O ensino da medicina, a partir da segunda metade do século XX, discutiu e desenhou o novo perfil do médico a ser

formado: que desse conta da promoção de saúde a todos os povos, que tivesse compromisso social com comunidades, que fosse ético, capaz de acolher os sofrimentos e promover saúde. Para cumprir essa determinação as experiências acadêmicas têm que ser baseadas em relações civilizadas com seus pares e superiores pois essa prática de relacionamento determinará as boas relações no campo profissional.

É fundamental que as instituições de ensino adotem medidas preventivas e políticas para combater a violência nos cursos de medicina. Isso inclui promover um ambiente de respeito, tolerância e apoio mútuo, oferecer suporte psicológico e incentivar a denúncia de casos de violência. É essencial desenvolvermos uma cultura de ambiente saudável e acolhedor nos nossos cursos.

Parece-me também que poderemos melhorar esse problema da violência incluindo disciplinas sobre saúde mental, comunicação eficaz, resolução de conflitos e trabalho em equipe a fim de preparar nossos estudantes para lidar com situações de violência, estresse e pressão de forma mais saudável e construtiva.

É fundamental criarmos um ambiente educacional seguro e respeitoso que propicie o bem-estar e o desenvolvimento integral de nossos futuros médicos.

Forma de citar este artigo: Brenelli, S.L. Gestão de conflitos e suas perspectivas na educação médica. Rev. Educ. Saúde 2024, 12(1): 1-2.